


REALINHAMENTO PARTIDÁRIO NO RIO DE JANEIRO (2022): OS PARTIDOS SOB COMANDO DE LIDERANÇAS POLÍTICAS

Rafaela Lopes Martins Jaeger¹

Resumen

A literatura de partidarismo identifica cinco realinhamentos partidários no Rio de Janeiro e indica a formação de um sexto, a ser verificado na eleição de 2022 (Rodrigues, 2020). O presente artigo tem como objetivo investigar esse realinhamento com foco no personalismo da política carioca. Especificamente, busca-se identificar a presença do realinhamento, suas características e ligação com as lideranças políticas do estado. A hipótese é que este realinhamento está atrelado a movimentações oriundas de figuras políticas de destaque. Para tal, utiliza-se como material empírico a base do TSE (2018 - 2022), observando a referida eleição em comparação a anterior. Os resultados confirmam o recém realinhamento, indicam que este é acompanhado por um acirramento de forças opositoras no espectro ideológico e que está diretamente ligado a lideranças políticas de ambos os campos.

Palavras-chave

Realinhamento partidário;
Eleições;
Lideranças políticas;
Rio de Janeiro.

PARTY REALIGNMENT IN RIO DE JANEIRO (2022): PARTIES UNDER POLITICAL LEADERSHIP

Abstract

The partisanship literature identifies four party realignments in Rio de Janeiro and indicates the formation of a sixth, to be verified in the 2022 election (Rodrigues, 2020). This article aims to investigate this realignment with a focus on the personalism of Rio politics. Specifically, we seek to identify the presence of this realignment, its characteristics and its connection with the political leaders of state. The hypothesis is that this realignment is linked to movements coming from prominent political figures. To this end, the TSE base (2018 - 2022) is used as empirical material, observing the aforementioned election in comparison to the previous one. The results confirm the recent realignment, indicating that it is accompanied by an intensification of opposing forces across the ideological spectrum and that it is closely linked to political leaders from both camps.

Keywords

*Party realignment;
Elections;
Political leaders;
Rio de Janeiro.*

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro; mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: rafaellalmjaeger@gmail.com.

Introdução

A literatura apresenta que o alinhamento partidário pode estar relacionado a oferta de políticas públicas, como: i) prefeitos do partido que ocupa a Presidência da República requerem mais recursos do que prefeitos opositores (Meireles, 2019); ii) municípios partidariamente alinhados com o presidente ofertam mais políticas públicas (Lira, 2023). Até as questões mais relacionadas à ideologia, a exemplo do trabalho de Salles e Guarnieri (2019) que investiga em que medida o componente programático se alinha partidariamente nas eleições municipais no Brasil.

No que diz respeito ao realinhamento partidário, a literatura aborda a representação parlamentar por partidos observando o reposicionamento das legendas em destaque nas eleições (Souza et al 1985; Rodrigues, 2020 e 2022). Em particular, este último identifica a existência de cinco ciclos de realinhamento, no período de 1980-2020/1982-2018, observando eleições municipais e estaduais (Rio de Janeiro). Ademais faz previsões sobre um novo (sexto) realinhamento na cidade carioca (Rodrigues, 2020).

Seja como for, a eleição de 2022 foi marcada, de maneira geral, pela instauração das novas regras eleitorais e de maneira específica, no Rio de Janeiro, por uma série de prisões de lideranças políticas importantes na cidade². Tais mudanças evidenciam a necessidade de uma análise que leve em consideração a estrutura do sistema partidário, mas também o papel dos líderes políticos, assim como fez Figueiredo Netto (2019).

Pensando nisso, o presente trabalho busca avançar nos apontamentos feitos por Rodrigues (2020), investigando mais a fundo o sexto realinhamento com foco no personalismo da política carioca. Em específico, busca-se: i) identificar a presença desse realinhamento; ii) analisar suas características e iii) compreender a ligação deste com as lideranças políticas do município.

Com relação ao primeiro, o desempenho eleitoral dos partidos no Rio de Janeiro demonstra novas configurações e, portanto, um sexto realinhamento? Quanto ao segundo, trata-se da ascensão da direita-extrema direita? Tem forte diálogo com a política evangélica? Existe uma crise de hegemonia da esquerda? Qual o papel do MDB nesse contexto? E no que diz respeito ao terceiro, observando a influência de Chagas, Brizola e lideranças locais do MDB, é possível dizer que esse realinhamento acompanha as movimentações das principais lideranças do estado?

As hipóteses norteadoras são de que exista um novo realinhamento partidário, que este apresenta novas características, mas mantém o padrão de forte apelo personalista identificado em ciclos anteriores (ex: chaguismo e brizolismo).

Para responder às questões levantadas, utilizou-se a base de dados do TSE nas eleições de 2022 e, de forma complementar e comparativa, do pleito anterior (2018). Desta maneira, observou-se o número de parlamentares eleitos por partido no Rio de Janeiro para os cargos de governador, senador e nas bancadas da

² Lideranças do MDB, partido protagonista das disputas da cidade, foram presas e os poucos que restaram migraram para o DEM.

Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) e Câmara Federal. Bem como verificou-se a ligação entre as movimentações partidárias e as lideranças políticas da cidade carioca.

Na seção seguinte destina-se à apresentação do referencial teórico utilizado. Depois explica-se os dados e procedimentos da pesquisa, enquanto na seção subsequente discute-se os resultados encontrados. Ao final, tece-se algumas conclusões.

Referencial teórico

Em trabalho sobre o sistema partidário do Rio de Janeiro, Figueiredo Netto (2019) apresenta que apesar das análises do tema tratarem da institucionalização a partir da regularidade das legendas na competição e o personalismo como problema para essa institucionalização, é necessário fazer uma análise conjunta dos partidos e das lideranças políticas. A mesma analisou as eleições de 1982 a 2016 e identificou que os períodos de maior participação dos partidos com candidatos competitivos ocorre concomitantemente com a presença de lideranças políticas mais expressivas da sigla. E é seguindo esta linha que o presente artigo analisa o realinhamento partidário no Estado.

A discussão trazida por Rodrigues (2020) reconstrói a trajetória partidária de 1982 a 2018 com o objetivo de investigar o processo de realinhamento partidário em curso no estado do Rio de Janeiro. Identificando em um resgate histórico cinco ciclos de realinhamento: chaguismo, brizolismo, declínio do brizolismo, hegemonia do MDB e crise do MDB. Notadamente, a definição, no qual três de cinco ciclos carregam o nome de uma figura política, demonstra o personalismo em tais movimentações políticas.

Somado a isso, Rodrigues (2020) ainda faz inferências sobre um sexto ciclo que incorpora novos partidos de direita e esquerda no cenário carioca. Nas palavras do autor:

Entre 1982 e 2018, houve no Rio de Janeiro sete governadores eleitos pelo voto direto e três vice-governadores que assumiram o cargo. No decurso desse período, verifica-se que o PMDB governou o estado durante 19 anos, o PDT por 10, o PSDB por 4, o PSB por 2 e o PT por alguns meses. Em outubro de 2018, um novo partido foi eleito para o governo: o PSC. Nas décadas de 1980 e 1990, Brizola, brizolistas e ex-brizolistas protagonizaram a política no estado. A partir dos anos 2000 uma hegemonia peemedebista se formou, em semelhança ao que foi o chaguismo no passado. Com o declínio eleitoral do brizolismo e a prisão das principais lideranças do PMDB do estado a partir de 2016, o tradicional centro político fluminense - PDT pelo centro-esquerda e PMDB pela centro-direita - implodiu e novos partidos oriundos dos extremos do espectro político emergiram como PSL, PRB e PSC, pela direita, e PSOL, pela esquerda.

Esse processo evidencia o marco dos ciclos, apontando mais uma mudança e destacando a presença do personalismo na figura de lideranças políticas e de partidos, como o PMDB no Rio de Janeiro, que engloba não uma, mas várias

lideranças locais. E é pensando na configuração desse novo realinhamento com foco nas lideranças políticas que se instiga a realização da presente pesquisa.

Em trabalho posterior, o autor (Rodrigues, 2022) observa o mesmo processo de realinhamento com relação às eleições municipais, no qual encontrou que o partido do governador, mas também os partidos de seus aliados, funciona como um imã para prefeitos. Exatamente, de 1996 para cá, em todas as eleições municipais, o partido que elegeu o maior número de prefeitos foi o do governador em exercício (exceto 2020³).

Período anterior também é retratado pela literatura sob a observação das representações parlamentares por partido. É o caso do trabalho de Souza, Junior e Figueiredo (1985, p.13) que localiza como ocorreu o reposicionamento dos parlamentares antes da eleição de 1982, indicando que a maioria do MDB foi para o PMDB, parcela menor migrou para o PTB e a maioria do Arena destinou-se ao PSD. Além disso, os autores observam a retrospectiva de votação dos anos de 1974, 1978 e 1982, como demonstrado na figura abaixo, identificando a extensão de mudanças partidárias a partir da evolução dos resultados eleitorais.

Tabela 1: Retrospectiva da votação por cargo e partido no estado do Rio de Janeiro: 1974, 1978 e 1982 (em porcentagem de votos do total apurado)

Cargo	Eleição	Arena	MDB	Branco e nulos	PSD	PDT	PT	PTB	PMDB	Branco e nulos
Governador	1982	-	-	-	28,1	31,4	2,8	9,8	19,8	8,1
Senador	1974	26,4	55,4	18,2	-	-	-	-	-	-
	1978	28,8	48,6	18,2	-	-	-	-	-	-
Deputado Federal	1982	-	-	-	26,4	30,1	2,7	9,1	19,2	12,4
	1974	26,1	53,6	20,3	-	-	-	-	-	-
	1978	19,7	57,9	20,3	-	-	-	-	-	-
Deputado Estadual	1982	-	-	-	25,7	29,1	2,6	9,2	19,4	14,0
	1974	27,0	54,8	18,2	-	-	-	-	-	-
	1978	20,6	59,1	20,3	-	-	-	-	-	-
	1982	-	-	-	25,1	27,8	2,6	9,0	19,3	16,2

Fonte: Retirada do trabalho de Souza, Junior e Figueiredo (1985).

Tais achados indicam que, desde a primeira eleição observada, apesar da derrota do MDB na eleição de 1982, a divisão relativa dos votos entre governo e oposição nos pleitos majoritários e proporcionais permaneceu praticamente inalterada. Ademais, outros estudos relacionam essa derrota a fragmentação interna, fruto da disputa entre chaguistas e não chaguistas (Júnior e Dias, 1981).

Por esta razão é destacado na literatura o importante papel que cumpre alguns líderes, a exemplo de Lacerda, Chagas e Brizola. O mais recente é o do ex-presidente Jair Bolsonaro, eleito deputado mais votado do estado na eleição de 2014 pelo PP e ocupando o maior cargo do legislativo na eleição seguinte pelo PL.

³ O prefeito eleito em Itatiaia teve a candidatura impugnada. Por essa razão, o PSC do governador Witzel não ficou em primeiro lugar no ranking daquele ano.

Em particular a cidade do Rio, com seu apoio foi eleito um governador que até a campanha se tratava de um candidato desconhecido⁴. Quanto ao seu partido, ajudou a eleger os 12 deputados para Câmara Federal e 13 para a Assembleia Legislativa. Acontecimentos que contribuíram para análises referentes a um crescimento da direita e extrema direita na cidade e no estado (Silva et al, 2022).

Especificamente o último trabalho citado apresenta um olhar voltado ao eleitorado da liderança em questão ao longo de sua trajetória como parlamentar na capital fluminense. Silva et al (2022) demonstram o desempenho relativamente constante do ex-capitão de 1992 a 2010, ano em que seu processo de expansão dos territórios eleitorais se insere na Barra da Tijuca, sendo este intensificado de maneira expressiva apenas a partir de 2014. Nas palavras dos autores, “demarca-se que o íterim entre os pleitos de 2010 e 2014 constituiu um contexto social profícuo para a expansão do bolsonarismo”.

Contudo, o pós eleição de 2018, auge do apoio ao parlamentar, não resultou no êxito da sua tentativa de reeleição em 2022, o colocando como o primeiro presidente desde o processo de redemocratização a não se reeleger. De certo não se trata de um fenômeno unidimensional, muitos fatores contribuíram para isso, dentre estes a pandemia da covid 19. No entanto, é destacável que apesar de não eleito, o mesmo contribuiu na campanha de aliados que obtiveram êxito no pleito⁵. Além disso, é importante salientar que a eleição de 2022 foi a mais acirrada da série histórica desde a redemocratização do país, o que igualmente evidencia a força dos candidatos em disputa.

Desta maneira, tal acontecimento não invalida a influência que lideranças políticas exercem no desempenho eleitoral e, portanto, na política do Rio de Janeiro. E é esse ponto que pretende-se desenvolver no presente artigo.

Dados e procedimentos

O material empírico utilizado é a base de dados do TSE (2022), referente a ocupação das cadeiras nos seguintes cargos: chefe do executivo estadual e bancadas das casas legislativas - ALERJ, Câmara Federal (Rio) e Senado (Rio). O recorte temporal refere-se às eleições foco da observação de 2022, mas também, a título de comparação, a eleição de 2018.

Este tem como objetivo geral investigar o sexto realinhamento partidário (Rodrigues, 2020) com foco no personalismo da política carioca. Os objetivos específicos são: i) identificar a presença desse realinhamento; ii) analisar suas características e iii) compreender a ligação deste com as lideranças políticas do município e estado. Desta maneira, apresenta-se os resultados segundo esses três objetivos.

No primeiro momento, observa-se o desempenho eleitoral dos partidos segundo a ocupação dos cargos disponíveis, nas eleições de 2022. Bem como,

⁴ Wilson Witzel (até então PSC).

⁵ Conforme observa-se, na seção de resultados, segundo o desempenho dos partidos no qual ele está membro.

compara-se esses resultados a eleição anterior, de 2018, de maneira a identificar mudanças.

Sobre essa comparação, é necessário salientar que, entre as referidas eleições, ocorreu uma mudança na regra eleitoral que impacta a disposição do número de cadeiras por partido. As mudanças aprovadas pelo Senado visam reduzir a fragmentação partidária e aumentar a diversidade racial e de gênero dos eleitos. Entre as principais, estão a cláusula de barreira⁶, o incentivo a candidaturas femininas ou de pessoas negras⁷ e as Federações Partidárias⁸.

Vale ainda destacar que os dados contabilizados representam o número de candidatos eleitos em cada pleito por partido e, portanto, não consideram migrações dentro e fora do período chamado de janela partidária. Desta forma, é possível dizer que candidatos foram reeleitos, ainda que em outros partidos e consequentemente o êxito eleitoral não diz respeito ao partido anterior. Este ponto, ainda que relevante, não é objetivo do presente estudo.

No segundo momento, analisa-se as características do novo realinhamento partidário a partir de três hipóteses levantadas por Rodrigues (2020, p. 352):

(1) esse novo sistema partidário será protagonizado por uma base partidária localizada entre a direita e a extrema-direita do espectro político, em forte diálogo com a política evangélica; (2) a crise de hegemonia no campo da esquerda no Rio não será resolvida no curto prazo pois, ao lado do PDT e do PT, emerge o PSOL, principalmente pela força conquistada na capital; (3) o reconhecimento da fragilidade do MDB não significa dizer que aquele tipo de prática política não tenha mais espaço. É provável que apenas mude de endereço partidário, provavelmente para o DEM, partido do ex-prefeito Cesar Maia, do presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, e que também passou a contar com Eduardo Paes. Tanto a eleição municipal de 2020, quanto a estadual de 2022, servirão de testes para a comprovação ou não dessas hipóteses.

As mesmas foram sistematizadas da seguinte maneira:

H1.1: *esse novo sistema partidário será protagonizado por uma base partidária localizada entre a direita e a extrema-direita do espectro político*

H1.2: *em forte diálogo com a política evangélica;*

H2: *existe uma crise de hegemonia no campo da esquerda no Rio (se referindo ao PDT e do PT);*

H3.1: *reconhecimento da fragilidade do MDB;*

⁶ Mínimo de votos necessários para se ter acesso ao fundo partidário e ao horário gratuito de rádio e televisão.

⁷ Incluído na Emenda Constitucional 111, dando peso maior aos votos nessas candidaturas no cálculo da divisão do fundo partidário e do fundo eleitoral.

⁸ Associações entre dois ou mais partidos por um período mínimo de quatro anos. A intenção é evitar a formação de coligações meramente eleitoreiras, como ocorria até as eleições de 2018.

H3.2: *mudança de endereço partidário, provavelmente para o DEM.*

Assim, questiona-se se houve i) ascensão da direita-extrema direita; ii) se sim, se está tem forte diálogo com a política evangélica; iii) se existe uma crise de hegemonia da esquerda?; iv) qual o papel do MDB nesse contexto e v) se o DEM é o endereço partidário a substituir o MDB.

Especificamente com relação a característica religiosa, utilizou-se a base do TSE que informa candidatos registrados com nomenclaturas religiosas (ex: bispos e pastores) nas eleições de 2022. Para mais, com o intuito de aprofundar o levantamento sobre o Rio de Janeiro, observou-se também as informações disponíveis pelos parlamentares no site da ALERJ referentes a sua bibliografia, para se mensurar a força da política evangélica no sentido da observação do destaque ou não das definições cristão e evangélico.

E no terceiro momento, analisa-se o realinhamento segundo as movimentações de lideranças políticas da cidade. Com essa finalidade, observa-se as permanências e migrações partidárias baseadas no número de cadeiras por partido, de uma eleição para outra. A hipótese norteadora é que este realinhamento está atrelado a movimentações oriundas de figuras políticas de destaque.

A seguir discute-se os resultados.

Resultados: análise das eleições de 2022

Sexto realinhamento?

As eleições estaduais do Rio de Janeiro resultaram na vitória de Cláudio Castro (PL) para o governo do estado, derrotando o Wilson Witzel (MDB), candidato à reeleição que o derrotou em 2018. No cenário nacional, a população fluminense elege Romário (PL) para o Senado, tendo eleito na eleição passada Flávio Bolsonaro (PSL⁹), atualmente sem mandato, e Lindbergh Farias (PT), que neste pleito disputou e foi eleito para a Câmara Federal. Também foram eleitos setenta deputados estaduais e quarenta e seis federais, descritos nos quadros 1 e 2.

Com relação a Assembleia Legislativa (ALERJ), foram eleitos 32 (45,7%) novatos e 38 (54,3%) foram reeleitos. Especificamente no Rio de Janeiro, tratam-se de dezessete membros do PL, sete do União Brasil e do PT, seis do PSD, cinco do PSOL, quatro do PP, três do Republicanos e Solidariedade. PSB, Pros, MDB, PDT e Podemos contam com apenas dois cada. Avante, PMN, Patriota, Agir, PSC, PTB, PCdoB terão um parlamentar cada.

⁹ Atualmente no PL, partido do senador eleito e do seu pai, Jair Bolsonaro, que concorreu ao cargo de presidente na referida eleição.

Tabela 2: Número de deputados estaduais eleitos nas eleições de 2018 e 2022 na Assembleia legislativa do Estado do Rio de Janeiro

Siglas partidárias	Eleições 2018	Eleições 2022
PSL	18	-
PL	0	17
União Brasil	0	7
MDB	5	2
PT	3	7
DEM	6	-
PSDB	2	0
PSOL	5	5
PRB/Republicanos	3	2
PSD	3	6
PDT	3	2
PSC	2	1
PP/Progressista	2	4
PSB	1	2
PRP/Patriotas	2	1
Solidariedade	3	3
PCdoB/Avante	2	2
PPS	1	0
PHS	2	-
PTB	2	1
PR	1	0
Novo	2	0
Pode/ Podemos	1	2
DC	1	0
PRTB	1	0
PMB	1	0
PTC	1	0
PROS	1	2
Agir	0	1
PMN	0	1

Fonte: TSE.

De forma comparativa, observa-se que a soma das bancadas do PSL e do DEM, em 2018, era de 24 representantes, mas o resultado da fusão na eleição seguinte, chegou a apenas um quarto desse total (6). O destaque desta eleição encontra-se no PL, antigo PR, rebatizado em 2019 com o seu nome de origem. A sigla angariou dezessete cadeiras, quize a mais do que na eleição anterior (2018) e quase o total

visto anteriormente só na bancada do PSL. Em seguida, com dez vagas a menos (seis parlamentares), estão PT e União Brasil.

Em suma, no contexto de fusão e extinção de legendas imposto pelas novas regras eleitorais, é demonstrado nos resultados com maior concentração do número de cadeiras por partido. De maneira específica, poucos partidos aumentaram suas bancadas. É o caso do PT que apresentou crescimento de quatro cadeiras, o PP que dobrou (2-4) e em menor escala, com um parlamentar a mais, partidos como PSB, PODE, PROS, AGIR e PMN. Entre aqueles que diminuíram o número de integrantes, mas não deixaram de existir, encontra-se o MDB, PRB, PDT e PTB. Permaneceram constantes o PSOL com cinco e o PCdoB/Avante com dois.

Tabela 3: Número de deputados federais eleitos nas eleições de 2018 e 2022 na Câmara Federal

Siglas partidárias	Eleições 2018	Eleições 2022
PSL	12	-
União Brasil	0	6
PL	0	11
PSOL	4	5
PSB	1	1
PSD	3	4
MDB	3	2
PSC	1	0
PP/Progressistas	2	3
DEM	4	-
PCdoB/Avante	2	1
Solidariedade	1	0
PRB/Republicanos	2	3
PR	2	0
Novo	1	0
PPS	1	0
DC	1	0
PT	1	5
PRP/Patriota	1	0
PROS	1	1
PHS	1	-
PDT	2	1
SD	0	1
PTB	0	1
Podemos/PODE	0	1

Fonte: TSE.

Quanto ao número de cadeiras da Câmara Federal, o índice de renovação em 2022 (39,38%) foi inferior ao registrado em 2018 (47,37%). De maneira específica, no Rio de Janeiro, onze são do PL, seis do partido União Brasil, cinco do PSOL e PT, quatro do PSD, três PP e PRB, dois MDB e um PSB, PCdoB/Avante, PROS, PDT, SD, PTB, Podemos/Pode. Os demais não apresentaram nenhuma vaga no pleito, resultado objetivo das novas regras eleitorais.

Chama-se atenção a fusão PSL/DEM (União Brasil), que juntos somavam dezesseis parlamentares, mas que obtiveram menos da metade desse número (6). Ainda que este seja considerado a segunda maior força. Em contrapartida, o PL (antigo PR), que na eleição anterior tinha conquistado apenas dois representantes, passa a ser a maior bancada parlamentar do estado na Câmara, contabilizando onze vagas na casa. Atrás encontram-se o PT e o PSOL, ambos com cinco cadeiras e adquiridas em um aumento de quatro e um, respectivamente, em comparação ao ano anterior.

De maneira geral, observando as trocas de número de cadeiras é possível concluir que o sexto realinhamento passou a ser uma realidade. Além de uma transferência de influência do PSL para o PL de uma eleição para outra, diversas mudanças ocorreram no cenário eleitoral carioca. Mas quais são as características desse novo realinhamento? É o que observa-se na subseção seguinte.

Características do sexto realinhamento: visitando hipóteses levantadas

Pensando nas características desses novo realinhamento, analisa-se as três hipóteses levantadas por Rodrigues (2020) apresentadas na seção de dados e procedimentos. Para começar, divide-se a análise da primeira hipótese em duas observações: presença da direita/ extrema direita e influência evangélica.

A respeito da primeira observação, uma análise superficial, pode-se destacar o predomínio da direita entre os candidatos eleitos na esfera estadual (Assembleia legislativa) e Federal (governo do estado, Senado e Câmara Federal). Contudo, partidos protagonistas do campo da esquerda como PT e PSOL obtiveram progressão positiva de suas bancadas¹⁰.

Especificamente, o PT é o segundo partido com maior número de representantes na ALERJ (sete) e juntos ocupam a terceira posição de maior número de representantes por estado na Câmara Federal, ambos com cinco representantes cada. Ou seja, tanto partidos de direita, quanto partidos de esquerda apresentam destaque na representação da cidade.

Desta maneira é possível questionar parte da primeira hipótese que aponta um protagonismo da direita/extrema direita, apontando que apesar deste segmento ainda estar em destaque ocupando posição de primeira força na disputa eleitoral de 2022, este vem acompanhado do crescimento dos principais partidos de esquerda em resposta a essa movimentação.

No tocante a segunda observação da primeira hipótese, pesquisa pré eleitoral do Globo sinalizou o aumento de candidaturas com identidade religiosa¹¹. Em particular, considerou-se apenas candidatos que apresentaram alguma nomenclatura ou ocupação religiosa ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Referente ao número de

¹⁰ Na ALERJ, o PSOL não apresentou crescimento, mas se manteve estável com cinco mandatos, já o PT aumentou quatro cadeiras, passando de três para sete. E na Câmara Federal, o partido psolista teve um aumento de uma cadeira e a sigla petista de quatro, passando de quatro para cinco e de um para cinco, respectivamente.

¹¹ Link: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/camara-e-assembleias-legislativas-tem-recorde-de-pastores-evangelicos-eleitos.ghtml> (acessado 01/02/2024).

candidatos pastores em 2022, foram identificados 476, cerca de 20% a mais do que o registrado em 2018.

Pesquisa anterior do mesmo instituto de pesquisa¹² já demonstrava, tomando como exemplo a ALERJ, que o discurso religioso, sobretudo com foco no eleitorado evangélico, era relevante na última eleição citada. O levantamento apontou que dezessete dos setenta (25%) parlamentares compunham a bancada chamada por eles como “família tradicional”, composta por evangélicos e aqueles que defendem os valores da família cristã.

Desta forma, sendo relevante antes (2018) e mais relevante ainda depois (2022), o pleito foi marcado por aceno de ambos os candidatos favoritos à presidência. No caso do Rio de Janeiro, os irmãos Marcos e Filipe Soares (União Brasil)¹³, eleitos deputado federal e estadual, respectivamente, incluíram as iniciais do pai, o líder evangélico Romildo Ribeiro Soares, fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, em seus nomes. Como mencionado, não se tratou de um movimento isolado da direita, à medida que também foi eleito o Pastor Henrique Vieira (PSOL) para a Câmara Federal.

Para mais, o presente estudo analisou as bibliografias dos deputados(as) disponíveis no site da ALERJ onde apenas cinco¹⁴ dos setenta mencionam o fato de serem cristãos ou evangélicos. Dentre estes, um pertence a um partido de esquerda. Pondera-se que este critério não seja o ideal para saber a religião ou o quanto esta influência as decisões políticas dos parlamentares¹⁵, contudo acredita-se que com a análise biográfica seja possível medir a força dessa influência no sentido em que esta seria mencionada por aqueles que destacam tal característica como uma de suas principais.

Na Câmara Federal a frente evangélica conta atualmente (dados de 2023¹⁶) com duzentos e três membros segundo o site oficial, sendo dezenove pertencentes aos partidos de esquerda¹⁷. Deste total, são também dezenove parlamentares¹⁸ que compõem o grupo de setenta deputados federais eleitos no Rio de Janeiro e entre

¹² Link: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/09/bancadas-da-bala-e-da-familia-tradicional-dobram-de-tamanho-na-alerj-apos-eleicao.ghtml> (acessado 01/02/2024).

¹³ Disputando a eleição como Filipe RR Soares (União Brasil) e Marcos RR Soares (União Brasil), nomenclatura que até então não usavam.

¹⁴ Danniell Librelon (Republicanos), Filipe Soares (União Brasil), Marcio Gualberto dos Santos (PL), Renato Machado (PT) e Samuel Malafaia (PL).

¹⁵ Sugere-se uma análise mais aprofundada investigando as proporções de candidaturas/eleitores dos dois pleitos no estado do Rio, observando votações sensíveis a pautas religiosas como a do casamento homoafetivo votada em 2023.

¹⁶ Link: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54477> acessado em 01/02/2024.

¹⁷ PT, AVANTE/PCdoB e PDT.

¹⁸ Altineu Cortes (PL), Aureo Ribeiro (Solidariedade), Bebeto (PP), Benedita da Silva (PT), Carlos Jordy (PL), Dani Cunha (União), General Pazuello (PL), Helio Lopes (PL), Hugo Leal (PSD), Jorge Braz (PRP), Juninho Pneu (União), Luciano Vieira (PL), Luiz Lima (PL), Marcelo Crivella (PRP), Marcos Soares (União), Otoni Paula (MDB), Roberto Monteiro Pai (PL), Soraya Santos (PL) e Sôstenes Cavalcante (PL).

eles, apenas uma parlamentar é de esquerda¹⁹. Contudo, destaca-se que nenhum parlamentar do PSOL entrou na lista oficial, incluindo o citado pastor eleito.

Assim, os dados coletados indicam de maneira geral entre as casas, que há um crescimento contínuo da participação evangélica nas legislaturas. Contudo, sobre o forte diálogo deste segmento com a direita/extrema direita, ainda que de maneira majoritária e desproporcional, não se pode descartar que a esquerda começa a demonstrar influência no campo.

Desta maneira, a primeira hipótese foi parcialmente confirmada, apontando que esse novo sistema partidário não será protagonizado somente por uma base partidária localizada entre a direita e a extrema-direita do espectro político, mas que esse segmento permanece em forte diálogo com a política evangélica.

Ainda com base no primeiro argumento desenvolvido acima, é possível derrubar a segunda hipótese referente à crise hegemônica no campo da esquerda no Rio, sobretudo quanto ao PT. O partido petista perdeu espaço na Assembleia Legislativa de 2014 para 2018, mas conseguiu recuperá-lo em 2022. Diferentemente do PDT que perdeu um parlamentar em cada casa (3-2, 2-1) analisada e do PSOL (5-5, 4-5) que se manteve estável em uma e cresceu em outra, o PT cresceu significativamente em todas as duas, aumentando quatro cadeiras na ALERJ e quatro na Câmara Federal entre as legislaturas cariocas.

Ainda que o PDT apresente um recente histórico de perdas, o PSOL e o PT apresentam importante protagonismo. Na Assembleia Legislativa, o partido petista é o segundo com maior número de parlamentares e o PSOL, o quarto, dentre os vinte e nove partidos. Já na Câmara Federal, os dois têm o mesmo número de deputados. Ademais, ainda que com protagonismo menor, PCdoB/Avante, manteve-se estável em 2022 na ALERJ e perdeu apenas uma cadeira na Câmara Federal.

Deste modo, não se trata de uma crise hegemônica da esquerda, visto que o PT não perdeu espaço de protagonismo no sexto realinhamento e o PSOL continua emergindo, quando não em progressão, ao menos estável. Na verdade, em contramão da rivalidade imposta pela história e membros das referidas siglas, a eleição de 2022 marca uma colaboração entre os partidos no segundo turno da eleição presidencial e sinalizações de parcerias futuras nos estados.

Com relação à terceira e última hipótese, em observação direta do número de parlamentares do MDB e do DEM, observa-se que o Democratas (6-7, 4-6) aumenta a bancada carioca nas duas esferas, levando em conta que na eleição seguinte este compunha o União, enquanto o MDB diminui (5-2, 3-2). Contudo, o endereço partidário de maior destaque na última eleição passa a ser o PL. Especificamente, o partido elegeu dezessete parlamentares na ALERJ e onze na Câmara Federal, formando as maiores bancadas do estado entre os demais partidos (sem ter nenhuma representação na eleição de 2020).

Assim, confirma-se parcialmente a referida hipótese. De fato é constatado a fragilidade do MDB; entretanto a mudança do endereço partidário abre espaço para novos partidos. Esse resultado, indica a necessidade de uma maior investigação das

¹⁹ Benedita da Silva (PT).

transferências partidárias, no qual é necessário observar quem permaneceu no DEM e PSL migrando para o União Brasil e se houveram transferências para o PL. Isso porque Jair Bolsonaro, liderança eleita pelo PSL em 2018, se transferiu para o PL para participar da eleição seguinte. Em vista disso, observa-se na próxima subseção as movimentações partidárias com foco em lideranças políticas do estado.

E qual a relação desse realinhamento com as lideranças políticas locais?

No que diz respeito às lideranças, chama-se atenção para o caso do MDB que perdeu representação de forma significativa no estado. Particularmente no Rio de Janeiro, o partido retrocede ainda em 2018, quando: i) não pleiteou o governo do estado, mesmo tendo comandado o Rio por doze anos; ii) teve suas principais lideranças presas, Sérgio Cabral, Jorge Picciani e Luiz Fernando Pezão (até então governador pelo partido); e iii) com a saída de membros, incluindo figuras com mandato em curso²⁰.

Neste cenário, o MDB concorre à disputa de 2018 com o candidato Wilson Witzel para o governo do estado que avança para o segundo turno, mas é derrotado. Já na ALERJ são eleitos Otoni de Paula e Rosenberg Reis; e na Câmara Federal, Otoni de Paula Júnior e Gutemberg Reis. A similaridade entre os sobrenomes não esconde o parentesco, trata-se de pai e filho e irmãos. Esse achado evidencia uma característica familiar, comumente de partidos menores, em um partido que já teve grande expressão na cidade (e nacionalmente).

Complementarmente, destaca-se que o DEM angariou vitórias importantes na eleição de 2020: elegeu Eduardo Paes, também ex MDB até 2018, para a prefeitura do Rio e aumentou o número de parlamentares na Câmara Municipal de quatro para sete, se tornando a maior bancada. Na eleição seguinte, com a fusão (DEM/PSL) e criação do União Brasil, o referido prefeito migra para o PSD e a mudança também é sentida pelo partido no crescimento das bancadas da ALERJ (3-6) e da Câmara Federal (1-3).

Quanto ao PSL, registrado oficialmente desde 1998, apresentou durante toda sua trajetória Luciano Bivar, fundador do partido, como sua principal liderança. A história da legenda, considerada pequena, mudou significativamente com a filiação de Jair Bolsonaro, em 2018, para concorrer às eleições presidenciais. Em números, o partido que não tinha cadeira, foi para dezoito e doze parlamentares, na ALERJ e na Câmara Federal. Entretanto, essa vinculação não durou muito tempo. As antigas lideranças do partido e as recém-chegadas, sob a direção de Bivar e Bolsonaro, protagonizaram diversas indisposições que resultaram na desfiliação do presidente eleito ainda em 2019.

Já com relação a fusão dos dois últimos partidos citados, DEM e PSL, originando ao União Brasil, para a eleição de 2022, aponta-se o êxito da legenda em garantir número expressivo de parlamentares no Rio de Janeiro, ainda que sem nomes de grande expressão. Resultado que deve ser comparado em outros estados,

²⁰ Altineu Côrtes (PL), Celso Pansera (PT), Pedro Paulo (PSD), Laura Carneiro (PSD), Soraya Santos (PL) e etc.

para verificar se trata-se de um crescimento local, e acompanhado nas próximas eleições.

No que concerne à figura do ex-presidente Jair Bolsonaro, o mesmo tentou criar seu próprio partido, o Aliança Brasil, que não chegou a ser concretizado. E após um histórico extenso de migrações partidárias e dois anos sem vínculo com nenhuma legenda, se filiou ao PL para disputar a eleição de 2022. É destacável a influência de Bolsonaro no crescimento do partido, que com quase duas décadas de existência (PL-PR-PL), teve um aumento significativo em sua representação.

Especificamente, o desempenho do seu partido na referida eleição concentra os cargos de governador, senador, dezessete parlamentares na ALERJ e onze na Câmara Federal, tendo eleito na eleição passada apenas um e dois parlamentares nas casas legislativas. De maneira comparativa, o partido em que disputou a eleição anterior elegeu um senador, dezoito e doze deputados, respectivamente. Trata-se de uma transferência quase que absoluta do número de cadeiras, com o decréscimo de apenas uma vaga em cada.

Complementarmente, esses números poderiam ser testados observando os parlamentares que foram eleitos no PSL e reeleitos no PL. A exemplo, só na Câmara Federal, nove parlamentares do Rio de Janeiro migraram de partido durante a chamada janela partidária, período em que os parlamentares podem fazer essa troca sem perder seus mandatos²¹.

No entanto, acredita-se que, independente disso, esses dados demonstram a manutenção de uma força em torno dessa liderança que se mantém em um nível de influência constante. Desta maneira, é possível dizer que tanto o PL, quanto o PSL tiveram suas bancadas diretamente vinculadas ao ex-presidente.

A título de nota, destaca-se o Republicanos, que apesar de ter garantido baixo número de cadeiras na ALERJ e na Câmara Federal, em 2022, e não ter reeleito o seu prefeito Marcelo Crivella, em 2020, foi a maior bancada na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Em específico, elegeu o segundo vereador mais votado, Carlos Bolsonaro, que trocou da primeira para a segunda posição de uma eleição para outra (2016-2020) com o parlamentar Tarcísio Motta (PSOL)²².

Além desses, no campo da esquerda as transferências partidárias são menos comuns. Pegando o exemplo do PT e do PSOL, não houveram migrações de suas lideranças. Pelo contrário, ocorreu o surgimento de novas oriundas das próprias

²¹ Nominalmente, Carlos Jordy do União Brasil para o PL, Chris Tonietto do União Brasil para o PL, Daniel Silveira do União Brasil para o PTB, Luiz Antônio Corrêa do PL para o PP, Luiz Lima do União Brasil para o PL, Major Fabiana do União Brasil para o PL, Márcio Labre do União Brasil para o PL, Pedro Paulo do União Brasil para o PSD, Sóstenes Cavalcante do União Brasil para o PL.

²² Sobre isso, considera-se a permanência de Carlos entre os favoritos, mesmo após sua migração partidária, se desligando do PSC. O filho do ex-presidente teve cerca de 36 mil votos a menos do que na última eleição, enquanto o psolista caiu de 90 mil para 86 mil. Contudo, é importante destacar o recorde histórico de abstenção no município, com mais de 32%. Ademais, a alteração das posições não apresenta uma queda na força política, à medida que ambos se mantêm em evidência. Na verdade evidencia o acirramento entre as lideranças dos dois diferentes espectros políticos.

legendas²³. Na ALERJ, Renata Souza (PSOL) foi a terceira mais bem votada e Erika Takimoto (PT) a nona. E na Câmara Federal, o PSOL mantém o terceiro lugar entre os mais votados com a Taliria Petrone e o PT, na oitava posição, com Lindberg Farias.

Considerações finais

O presente trabalho buscou avançar na pesquisa iniciada por Rodrigues (2020) verificando a existência de um sexto realinhamento partidário e identificando as características do mesmo. Para mais, analisou-se as interseções desse realinhamento com as lideranças políticas locais, de maneira a evidenciar o personalismo presente na política carioca.

Como esperado pelo autor do trabalho originário, foi possível constatar um novo (sexto) realinhamento. Contudo, ao analisar suas características, apesar da forte base de direita/extrema direita, como o mesmo sugeriu (Rodrigues, 2020), este surge em um contexto de recuperação da esquerda. E em análise às migrações e permanências, baseadas no número de cadeiras, foi possível identificar que esse realinhamento está diretamente ligado a movimentações partidárias de lideranças políticas locais. Especificamente, constatou-se forte influência do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Faz-se necessário para trabalhos futuros o mesmo movimento de análise para a eleição municipal de 2020. Bem como, aprofundar as análises feitas por Rodrigues (2022) nos outros cinco ciclos, identificando não só o realinhamento, mas as suas características e influência das lideranças políticas. Para mais, considera-se interessante analisar as migrações partidárias evidenciadas observando os candidatos que possuíam mandato em determinado partido e foram reeleitos em outra legenda.

Referencial bibliográfico

FIGUEIREDO NETTO, Gabriela. **O sistema partidário no Rio de Janeiro: uma análise sobre líderes e partidos políticos**. 2020. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2020.tde-28022020-144530. Acesso em: 2024-03-30.

JÚNIOR, Olavo de lima; DIAS, Maria Tereza Ramos. As eleições parlamentares de 1978 no Rio de Janeiro: o chaguismo, a oposição e o regime. *In: Os partidos políticos no Brasil*. [s.l.: s.n., s.d.], v. 2.

²³ Bastante evidente na eleição municipal de 2020, no qual as lideranças consagradas como o pessoalista Tarcísio Motta (vereador mais bem votado em 2020) dividiu espaço com estreantes como Mônica Benício, que ocupou a décima primeira colocação no ranking. Bem como a Tainá de Paula (PT), que em sua primeira disputa, ficou entre os dez eleitos mais bem votados.

- LIRA, Evertton. Alinhamento partidário e oferta de políticas públicas no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 57, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/9TDyL3wHhRPBVpHfXXwYSvQ/#>>.
- LOPES, Guilherme. A bancada evangélica na Câmara Municipal do Rio de Janeiro (2017-2020). **Revista Faces de Clio**, v. 9, 2023.
- MEIRELES, Fernando. Alinhamento partidário e demanda por transferências federais no Brasil. **Revista de Administração Pública**, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/7BH4hdkFhDhbgVbrJfxZPP/#>>.
- RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado. Realinhamentos partidários no estado do Rio de Janeiro (1982-2018). **Política & Sociedade**, v. 19, p. 332-356, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/67408/45358>>.
- RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado. Sistema partidário no Rio de Janeiro 1980-2020. *In: Política local no Estado do Rio de Janeiro: disputa partidária e comportamento político na eleição de 2020*. Eduerj. [s.l.: s.n.], 2022.
- SALLES, Nara; GUARNIERI, Fernando. Estratégia eleitoral nos municípios brasileiros: componente programático e alinhamento partidário. **Revista de Sociologia e Política**, v. 27, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/238/23863058001/html/>>.
- SILVA, M. G. ., SANTOS, P. F. dos ., & SILVA, L. S. da . (2022). Do Leme a Santa Cruz: a territorialização eleitoral de Jair Bolsonaro no município do Rio de Janeiro. **Opinião Pública**, 28(1), 92-125. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8669214>.
- SOUZA, Amaury; JÚNIOR, Olavo Brasil de Lima; FIGUEIREDO, Marcos. **Brizola e as eleições de 1982 no Rio de Janeiro**. [s.l.: s.n.], 1985.



Recebido em 30 de Março de 2024

Aceito para publicação em 18 de Julho de 2024